

— “Reencarnação!... Que estopada!...” —
 Comentou Nico Peão —
 “O corpo é concha pesada
 Que a gente arrasta no chão...”

“Afeição cega a razão” —
 Ideia a que não me encaixo.
 Cabeça pensa por cima,
 Coração fica por baixo.

Se o coração está rico
 De bondade natural,
 Nem a pobreza atropela,
 Nem a riqueza faz mal.

Provérbio claro e bem-posto,
 Sem margem à distorção:
 Melhor vergonha no rosto
 Que mágoa no coração.

NOTÍCIA DA AVAREZA

Era um patrão danado o João Cazeca,
 Tomava o milho e a cana do meeiro,
 Exigia serviço o dia inteiro
 E deitava no ronco e camoeca.

Bebia jeribita de caneca,
 Avarento, bilontra, farofeiro...
 Contava tanto os maços do dinheiro
 Que já sentia calos na munheca.

João cai doente e ruim... Chegando a morte,
 Pede remédio, auxílio e reza forte,
 Mal podendo mover os gorgomilos...

E morto o corpo, João, de suadouro,
 Ficou anos gemendo em prata e ouro,
 Trancado numa burra de cem quilos.

Se a prece não me auxilia
A ser de todos o irmão,
Se a fé não me purifica,
Para que religião?

Deveres nas provações,
Constrangimentos fatais.
Quanto se sofre ao cumpri-los!
Mas não cumpri-los dói mais.

Há casamento de prova
Lembrando a canga de bois,
Bendito quem se renova
Nesse resgate de dois.

Não julgues a vida errada
Pela sombra que ela tem.
Raio que cai na chapada
Cai na avenida também.

A TAGARELA

Nhá Zizita, na Rua do Barreiro,
Já sentia, de muito dar na trela,
Calo de cotovelo na janela
Onde espiava gente o dia inteiro.

Calúnia e invencionice era com ela,
Gostava de folia e de berreiro.
O povo comentava, chocarreiro:
— “Jabiraca da língua de sovela!”

Nhá Zizita morreu... Desencarnada,
Viu atrás dela enorme trapalhada
E gritava: — “Meu Deus! Meu Deus, me acuda!”

Deus teve dó de tanto sofrimento
E deu a ela um novo nascimento,
Mas Nhá Zizita, agora, nasceu muda...